

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

KAREN JULIANE DELFIM ALVES

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA JORNADA DE ALICE, DE LEWIS
CARROLL**

BAGÉ

2019

KAREN JULIANE DELFIM ALVES

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA JORNADA DE ALICE, DE LEWIS
CARROLL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cristina Cardoso

BAGÉ

2019

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A349r Alves, Karen Juliane Delfim

A representação do feminino na jornada de Alice, de Lewis
Carroll / Karen Juliane Delfim Alves.

34 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS - LÍNGUAS ADICIONAIS INGLÊS, ESPANHOL
E RESPECTIVAS LITERATURAS, 2019.

"Orientação: Cristina Cardoso".

1. Alice. 2. Heroína. 3. Jornada. 4. Evolução. I. Título.

KAREN JULIANE DELFIM ALVES

**A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NA JORNADA DE ALICE, DE LEWIS
CARROLL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras Línguas Adicionais: Inglês, Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciatura em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 04 de dezembro de 2019

Banca examinadora:

Prof^ª. Dra. Cristina Cardoso
Orientadora
UNIPAMPA

Prof^ª. Dra. Fabiane Lazzaris
UNIPAMPA

Prof. Dr. Moacir Lopes de Camargos
UNIPAMPA

Dedico este trabalho a todas as minhas
Heroínas.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Rosângela Mêdora Franco Delfim que, apesar de todas as dificuldades de ser mãe solo, criou a mim, minhas irmãs e meu irmão com todo o amor do mundo, sempre nos dando apoio e suporte em todas as fases das nossas vidas, além de nos superproteger.

Às minhas irmãs e ao meu irmão que, perto ou longe, estão sempre ao meu lado quando eu preciso. Por acreditarem em mim e na minha capacidade e me darem forças para seguir em frente - independente do que aconteça. Eu amo vocês infinitamente.

Ao meu namorado e amigo Maurício Giribone, que está do meu lado há mais de 8 anos e sempre apoiou todas as minhas escolhas. Por me ajudar durante as minhas crises e nunca me deixar desistir dos meus objetivos.

A todos os meus amigos que me apoiam e compreendem a minha ausência em alguns momentos. Aos que me acompanham há muito tempo, mas também àqueles que chegaram recentemente. Eles ajudaram a construir quem eu sou e, por isso, sou eternamente grata pelas minhas amizades.

À minha orientadora, professora Cristina Cardoso, por ter sido umas das melhores professoras que eu já tive. Pelas suas aulas maravilhosas e por me fascinar pela história e literatura. Por ter tido paciência ao me orientar, por me ajudar, motivar e acreditar em mim.

E, por fim, a todos os meus professores da vida, por instigarem o meu amor pelo conhecimento e por ensinar. Aos que me tornaram uma pessoa mais crítica e feminista - mas, principalmente, aos que me mostraram que se ninguém soltar a mão de ninguém, podemos tudo.

“Every adventure requires a first step”.

Lewis Carroll

RESUMO

Neste trabalho, será analisado o livro *As aventuras de Alice no país das maravilhas* (1865), escrito por Charles Lutwidge Dodgson sob o pseudônimo de Lewis Carroll, tendo como objetivo de apontar como se dá a evolução de Alice como heroína, protagonista desta narrativa. Para apoiar esta análise será utilizada a obra *The heroine's journey* (1990), de Maureen Murdock, com o intuito de demonstrar a evolução da heroína Alice através da mesma. Além disso, será contextualizada a época na qual a personagem foi criada e outros fatores relacionados à constituição de Alice como heroína no decorrer da narrativa - a exemplo do autor, idade da personagem, modelo de escrita e interpretação pessoal.

Palavras-chave: Alice. Heroína. Jornada. Evolução.

ABSTRACT

In this paper will be analyzed the book Alice's Adventures in Wonderland (1865), written by Charles Lutwidge Dodgson under the pseudonym Lewis Carroll. Aiming to point the evolution of Alice as heroine, protagonist of this narrative. To support this analysis, Maureen Murdock's *The heroine's journey* (1990) will be used to demonstrate the evolution of the heroine Alice through it. In addition, will be contextualized the time at which the character was created, and other factors related to the constitution of Alice as heroine during the narrative - like the author, the age of the character, the writing model and the personal interpretation.

Key Words: Alice. Heroine. Journey. Evolution.

RESUMEN

En este trabajo, será analizado el libro *Las aventuras de Alicia en el país de las maravillas* (1865), escrito por Charles Lutwidge Dodgson bajo el seudónimo de Lewis Carroll. Con el objetivo de señalar cómo ocurre la evolución de Alicia como heroína, protagonista de esta narración. Para apoyar este análisis, se utilizará *The Heroine's Journey* (1990) de Maureen Murdock para demostrar la evolución de la heroína Alice a través de él. Además de eso, se hará la contextualización de la época en que el personaje fue creado y otros factores relacionados con la constitución de Alicia como heroína durante la narración - cómo el autor, la edad del personaje, el modelo de escritura y la interpretación personal.

Palabras Clave: Alicia. Heroína. Jornada. Evolución.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - The heroine's journey.....	22
---------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
2 A JORNADA DA HEROÍNA	15
3 ALICE E A ERA VITORIANA	21
4. A JORNADA DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS	23
4.1 POSSÍVEIS FATORES QUE IMPEDEM ALICE DE COMPLETAR A JORNADA	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	33

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O herói e a heroína são figuras recorrentes em obras literárias, filmes e séries. Atualmente, são lançados livros, histórias em quadrinhos e obras cinematográficas que tratam do tema e estão muito em alta, atingindo todas as idades e diferentes meios sociais. Esses heróis e heroínas são representados de muitas formas, mantendo muitas de suas características através do tempo. Foram denominados por Forster (1974, p. 54) como personagens planos, por possuírem características e jornadas muito semelhantes. Porém, alguns modelos vêm sendo desconstruídos recentemente - principalmente em relação às protagonistas mulheres.

Neste trabalho, analisaremos o livro *As aventuras de Alice no país das maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, com o objetivo de apontar como se dá a evolução de Alice - protagonista e possível heroína nesta narrativa. Alice é a personagem principal dos livros *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, publicado em 1865 e *Alice através do espelho*, de 1872 - ambos escritos pelo escritor inglês Charles Lutwidge Dodgson sob o pseudônimo de Lewis Carroll. Carroll era um romancista britânico anglicano, escritor de contos, poeta, desenhista, fotógrafo, matemático e reverendo. Além dos livros de Carroll ficarem realmente famosos, deram origem a muitas produções de filmes do século XX em diante.

Uma das intenções dessa análise é mostrar as características que formam Alice como heroína. Esta ideia surgiu a partir da perspectiva de que a mesma foi uma personagem criada por um homem no período da Era Vitoriana, onde mulheres ainda não tinham a mesma liberdade que têm hoje, além de não ser nada comum personagens mulheres serem protagonistas de histórias de aventura - o que, na época, seria o papel dado a uma figura masculina. Nesse sentido, Butler afirma que

[...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de 'gênero' das interseções políticas e culturais em que

invariavelmente ela é produzida e mantida. (BUTTLE, 2013, p. 20).

Portanto, como Alice é uma personagem gerada em um período onde a cultura masculina era predominante. Acredita-se na possibilidade de existir uma influência disso no processo de constituição identitária da protagonista.

Para tanto, a metodologia escolhida para este trabalho é de cunho bibliográfico. A análise apoia-se, principalmente, na obra *The heroine's journey* (1990) de Maureen Murdock¹, que foi a primeira autora a trazer uma visão alternativa para a Jornada do herói de Joseph Campbell². Com a jornada da heroína, passa a ser possível a análise a partir da perspectiva feminina da autora, em personagens como Alice. Além da obra de Murdock, será utilizada como apoio o livro *Mulheres que correm com os lobos* (1999), de Clarissa Pinkola Estés.

O objetivo geral deste trabalho é analisar a trajetória da personagem Alice como uma possível heroína no livro *As aventuras de Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. Os objetivos específicos são analisar o contexto histórico no qual a personagem foi criada e a influência disso na construção da mesma; mostrar, através da *Jornada da heroína* e *Mulheres que correm com os lobos*, como se dá a evolução de Alice no decorrer da narrativa.

Primeiramente, será realizada uma breve exposição das etapas que constituem a jornada descrita por Murdock; após, se aplicará a jornada junto com *Mulheres que correm com os lobos*, no texto de Carroll, com o intuito de identificar se Alice pode ser considerada uma heroína na perspectiva das autoras. Além disso, será contextualizada a época na qual a personagem foi criada e como influenciou na constituição de Alice no decorrer da narrativa.

¹ De acordo com o site HuffPost, "Maureen Murock, Ph.D., is a Jungian-oriented psychotherapist in private practice in Santa Barbara, CA. She was Chair and Core Faculty of the MA Counseling Psychology Program at Pacifica Graduate Institute in Santa Barbara and teaches memoir classes and workshops internationally".

² De acordo com Segal (2007) "Joseph Campbell, was an American Professor of Literature at Sarah Lawrence College who worked in comparative mythology and comparative religion. His work covers many aspects of the human experience".

2 A JORNADA DA HEROÍNA

Maureen Murdock é a primeira autora a trazer uma visão alternativa para a Jornada do herói de Joseph Campbell. Com a sua jornada da heroína, passa a ser possível a análise, a partir da perspectiva feminina da autora, em personagens como Alice. Murdock discordava da ideia de Campbell, em que “As mulheres não precisam fazer a jornada. Em toda a tradição mitológica, a mulher está lá. Tudo o que ela tem a fazer é perceber que ela é o lugar que as pessoas estão tentando chegar.” (CAMPBELL, 1981).³ Por conta disso, Murdock criou a Jornada da heroína, que foi escrita em 1990.

Murdock acreditava que o seu livro seria mais apropriado para descrever as jornadas de vida das mulheres heroínas do que a Jornada do herói desenvolvida por Joseph Campbell, em 1949. Para apresentar como ocorre a jornada do herói, Campbell a dividiu em 17 etapas, que estão no livro *O Herói de Mil Faces*, dividida em três partes: separação, iniciação e retorno. Também adaptada pelo autor Vogler (2006), em seu livro, *A jornada do escritor*, possibilitando, ao reduzir a jornada a 12 passos, que escritores, roteiristas. etc., a utilizassem para aplicar em heróis, homens ou mulheres. Porém, Murdock não reconhece a jornada psico-espiritual das mulheres contemporâneas na obra de Campbell.

Além disso, em quase todas as histórias que possuem as etapas da jornada do herói no seu desenvolvimento, as mulheres eram quase sempre propriedade de pais ou maridos, princesas a serem salvas, não tinham quase nenhum poder e seu papel na sociedade era cuidar da casa e de sua família. Nesse sentido, afirma o autor a seguir:

(...) as histórias que tomavam a jornada do herói como modelo acabavam refletindo esses valores. As personagens femininas eram sempre filhas, esposas e mães — ou, então, vilãs rancorosas e vazias, tentações a desviar o herói de seu caminho. Eram expressões do amor carnal ou maternal, figuras a serem protegidas

³ Resposta dada por Campbell a Murdock após a criação da jornada da heroína, pois o mesmo acredita que as mulheres não fazem a jornada, elas já estão onde as pessoas estão tentando chegar.

ou idealizadas. Nunca concretas, nunca complexas. Raramente heroínas de seu próprio destino. (PRELORENTZOU, 2017).

Os estágios que compõem a *Jornada da Heroína* são “*Separation from the feminine*; seguido por *Identification with the masculine and gathering of allies*; *Road of trials: meeting ogres and dragons*; *Finding the boon of success*; *Awakening to feelings of spiritual aridity: death*; *Initiation and descent to the goddess*; *Urgent yearning to reconnect with the feminine*; *Healing the mother/daughter split*; *Healing the wounded masculine* e, por fim, *Integration of masculine and feminine*”.⁴

Na primeira parte, a Murdock fala como as mães são supostamente culpadas, responsáveis e glorificadas pelo tipo de pessoa que o seu filho venha a ser futuramente. E como isso vem a ser um peso muito grande nas escolhas da heroína, pois a mesma tende a culpar pelas suas falhas sua mãe ou o seu modelo feminino⁵. Foucault (1979, p. 21) afirma que “(...) herança não é uma aquisição, um bem que se acumula e se solidifica: é antes um conjunto de falhas, de fissuras, de camadas heterogêneas que a tornam instável, e, do interior ou de baixo, ameaçam o frágil herdeiro”. Acreditando nisso, a heroína faz o desligamento inicial dos seus valores femininos, completando a primeira etapa da jornada, *Separation from the feminine*.

Segundo Murdock, a heroína para alcançar o “sucesso” toma como base a referência masculina, buscando reconhecimento e sucesso em uma cultura patriarcal e, assim, começa o segundo estágio da Jornada. Na segunda etapa, *Identification with the masculine and gathering of allies*, a heroína escolhe um novo modo de vida; dessa maneira, ela escolhe algo pelo que lutar, que geralmente é algo que a está limitando - e, assim, acaba entrando no espaço definido como masculino. Sob esse ponto de vista, Murdock afirma que: (1990, p. 26) “*Male*

⁴ Separação do feminino; identificação com o masculino e o encontro de aliados; Estrada de provações: encontrando ogros e dragões; Encontrar o sucesso; Despertar para sentimentos de aridez espiritual: morte; Iniciação e descida para a deusa: Desejo urgente de se reconectar com o feminino; Curando a separação mãe/filha; Curando o masculino ferido e, por fim, Integração do masculino e do feminino. (MURDOCK, 1990, tradução nossa).

⁵ Murdock (1990) mostra que nem sempre o modelo feminino - mulher que temos como exemplo - deverá ser a nossa mãe. Podendo ser uma irmã, uma tia ou qualquer figura feminina na qual no espelhamos.

*norms have become the social standard for leadership, personal autonomy, and success in this culture, and in comparison women find themselves perceived as lacking in competence, intelligence, and power.*⁶. Sendo assim, a personagem percebe que, para obter o sucesso, glamour, prestígio ou independência, ela tem que seguir o modelo masculino - e passa a desvalorizar a mãe e valores da cultura feminina. Levando em consideração que “esse erro de raciocínio é quase rotineiro numa mulher tão jovem cujos sistemas de alarme ainda não estão totalmente desenvolvidos” (ESTÉS, 1999, p. 39) - este é também o momento no qual a heroína escolhe o seu mentor/guia; e essa pessoa pode ser um homem ou uma mulher com valores masculinos predominantes⁷.

Road of trials: meeting ogres and dragons é o terceiro estágio da jornada da heroína. Esse é o momento em que ela deixa sua “casa” para seguir o seu caminho, tentando provar algo para os outros e para ela mesma. Nesse estágio, ela abraça totalmente o masculino e encontra desafios ou/e conhece pessoas que tentam dissuadi-la/destruí-la de seguir o caminho que escolheu. É o momento no qual a heroína mais duvida do seu próprio potencial. Segundo a autora, ela precisa fazer esse caminho para poder entender a sua força e também para superar as suas fraquezas.

No estágio quatro da jornada, *Finding the boon of success*, a heroína já passou por grandes obstáculos e saiu vitoriosa. É quando ela experimenta o sabor do sucesso e se sente bem-sucedida aos seus olhos e aos olhos dos outros; é quando ela finalmente aprende que não é possível mudar o passado, mas que pode aprender algo com esse pretérito. Geralmente, é nesta etapa da jornada que a história de uma protagonista feminina termina. Na versão de Murdock, a personagem começa a perceber que algo está faltando dentro dela, as vitórias não lhe parecem suficientes, ela não tem mais certeza de quem ela é.

Ao terminar a etapa quatro, a personagem entra na quinta fase, *Awakening to feelings of spiritual aridity: death*. Ela percebe que o sucesso é temporário, que

⁶ "As normas masculinas tornaram-se o padrão social para a liderança, autonomia pessoal e sucesso nesta cultura, e em comparação às mulheres encontram-se percebidas como falta de competência, inteligência e poder." (MURDOCK, 1990, p. 26, tradução nossa).

⁷ Valores tais como obter o sucesso financeiro através do trabalho, poder e controle sobre si mesmo e demais indivíduos.

está deixando de ser quem ela é e começa a se questionar sobre as coisas que perdeu nesse caminho pela busca do “sucesso”, além do que é realmente importante para si mesma. Ao perceber que todas as suas estratégias masculinas falharam, ela se sente fora de sincronia, como se tivesse traído a si, ou seja: a heroína entra em crise e, com isso, posteriormente entra no sexto passo da jornada, *Initiation and descent to the goddess*.

Initiation and descent to the goddess é a parte mais obscura que a personagem pode passar. Nesse momento, ela pode experimentar o sentimento da perda, provavelmente de um ente querido, e essa perda mudará muita coisa em sua vida. A heroína poderá passar por depressão - a deusa obscura - e também pela perda da sua auto-confiança.

Na etapa 7, *Urgent yearning to reconnect with the feminine*, a heroína começa a perceber que a culpa o feminino, por tudo, não é o certo a fazer. Este é o momento no qual a heroína pode procurar se reconectar com a mãe - figura feminina - e tentar obter um novo entendimento sobre ela e também sobre si mesma, mesmo sabendo que sua mãe/figura feminina pode não querer recebê-la de volta. Ela volta para a sua atmosfera familiar na tentativa de redimir-se, com o intuito de buscar o que ficou para trás, além de buscar encontrar e nutrir sua criança interior e se reconectar com a parte que deixou para trás antes que rejeitasse o feminino. Do ponto de vista de Estés (1999, p. 38):

Bem que poderíamos nos perguntar se haveria como evitar tudo isso. Como no mundo animal, a menina aprende a ver o predador através dos ensinamentos da mãe e do pai. Sem a amorosa orientação dos pais, ela certamente será uma presa prematura na vida.

Assim que a heroína obtém um novo entendimento do feminino, *Healing the mother/daughter split*, é o momento de curar o feminino ferido através da mãe/figura feminina. Nesta etapa, ela percebe que a culpa que deposita em sua própria figura (feminina) não é necessária e só existe devido à cultura que glorifica

o “arquétipo masculino”⁸ (MEDEIROS, 2017, p. 37). Quanto a culpar o feminino, Murdock constata que:

Nossas igrejas empurraram a face feminina de Deus para o subterrâneo por séculos, destruindo sua imagem e usurpando seu poder para os deuses masculinos. Como nós podemos nos sentir conectados com o feminino quando a cultura a nossa volta faz tudo sob seu poder para nos fazer esquecer? Nós reverenciamos os deuses da ganância, dominação e ignorância, e zombamos de imagens femininas da nutrição, equilíbrio e generosidade. Nós estupramos, pilhamos e destruimos a terra e esperamos que ela nos provenha eternamente. Essa ferida mãe/filha é profunda; será necessário muito para curá-la. (MEDEIROS, 2019, p. 38 *apud* MURDOCK, 1990, p. 135).

Ou seja, viemos glorificando a figura masculina e culpando a feminina por um bom tempo, causando um desequilíbrio enorme entre ambas as figuras. E isso pode tornar ainda mais difícil o processo de reconexão com o feminino, o que torna esse instante uma parte importante da jornada.

Após se reconectar com o feminino, a heroína - em momento de conflito com a sua mulher interior - reconhece que, embora o masculino não fosse seu verdadeiro objetivo, era uma parte importante de sua jornada. A respeito do masculino é necessário entender que “[...] antes de qualquer coisa, [...] o masculino é uma força arquetípica, não um gênero. Assim como o feminino, é uma força criativa que vive dentro de todas as mulheres e todos os homens”. (MEDEIROS, 2017, p. 41). Sendo assim, a heroína encontra o seu lado masculino e passa a perceber a importância deste arquétipo. E, porque quase se perdeu lá, agora se recusa a deixar-se controlar, pois busca canalizar os seus impulsos masculinos para fins positivos e não espera mais por recompensas.

Por fim, a heroína integra o masculino e o feminino para enfrentar o futuro com uma nova compreensão de si mesma, do mundo ou da vida; a mesma finalmente encontrou equilíbrio entre o feminino e o masculino. E, como afirma Pinkola (1999, p. 39), “[...] no final escapará mais sábia, mais forte, e sabendo

⁸ Todo e qualquer tipo de padrão ou modelo; paradigma. (DICIONÁRIO ONLINE DE PORTUGUÊS).

reconhecer à primeira vista o astucioso predador da sua própria psique”, finalizando a etapa final da jornada.

*Your inner man and inner woman
Have been at war
They are both wounded
Tired
And in need of care
It is time
To put down the sword
That divides them in two.
(MURDOCK, 1990, p. 155).⁹*

⁹ Seu homem e o sua mulher interior / Estiveram em guerra / Estão ambos feridos / Cansados / E precisando de cuidados / É hora / De baixar a espada / Que divide eles em dois. (MURDOCK, 1990, p. 155, tradução nossa)

3 ALICE E A ERA VITORIANA

Podemos perceber que, em boa parte das histórias de heróis, inclusive nas modernas, não temos muitas figuras femininas representando personagens heróicos, assim como já mencionado anteriormente. E quando é dado esse papel às mulheres, na maioria das vezes elas são extremamente sexualizadas. Porém, atualmente, essa imagem vem mudando e passamos a questionar cada vez mais os papéis que são dados às mulheres, tanto na literatura quanto no cinema.

Ambas as obras de Carroll - *Alice no País das Maravilhas* (1865) e *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá* (1872) - foram escritas no período denominado como Era Vitoriana. Momento no qual a base familiar era de extrema importância, além de ser marcado pelo tradicionalismo extremo¹⁰, ainda mais intenso durante o reinado da Rainha Vitória, de 1837 a 1901.

Esses livros trazem uma crítica à sociedade da época, usando metáforas para não chocar ou fazer críticas abertamente. Nesse período, as crianças eram submetidas a regras muito rígidas e, com isso, se comportavam como mini adultos. Exatamente como Alice é mostrada, principalmente no primeiro livro: uma criança cheia de questionamentos e que cobra muito de si mesma, auto aplicando-se punições. Uma característica desta educação extremamente severa é mostrada quando Alice cai no buraco, no primeiro livro, e fica tentando lembrar as coisas que ela aprendeu na escola, poemas decorados, geografia, cálculos.

Além do ensino escolar rigoroso, as crianças da época tinham aulas de comportamento. Por essas regras, as crianças eram dominadas pelo sentimento do medo, o medo da punição. O que aparece bem claro no primeiro capítulo do livro *Através do espelho e o que encontrou por lá* (1872), quando Alice fica pensando em formas de punir a gatinha Kitty.

Contudo, devido à época em que a obra *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* foi escrita, Alice poderia ser considerada uma personagem à frente do

¹⁰ Segundo Castaldini (2013), a sociedade da época temia a modernidade, a rapidez das mudanças e a incerteza que o novo provocava e por isso era considerada extremamente tradicionalista. Além de ser famosa pela exigência da valorização da moral e bons costumes, ou seja, comportamentos socialmente aceitáveis.

seu tempo. Podemos concluir que durante o período da Era vitoriana não era comum vermos personagens como Alice, que tinha idéias à frente do seu tempo e era protagonista das suas aventuras. Corroborando a afirmação anterior, Castaldini (2013, p. 6) sustenta que a personagem, assim como todas as criaturas do País das Maravilhas, também foge às regras comportamentais, mostrando-se uma criança corajosa e destemida. Por fim, entende-se a importância de mostrar o momento histórico em que a obra foi criada, a partir da idéia de Castaldini, para o qual:

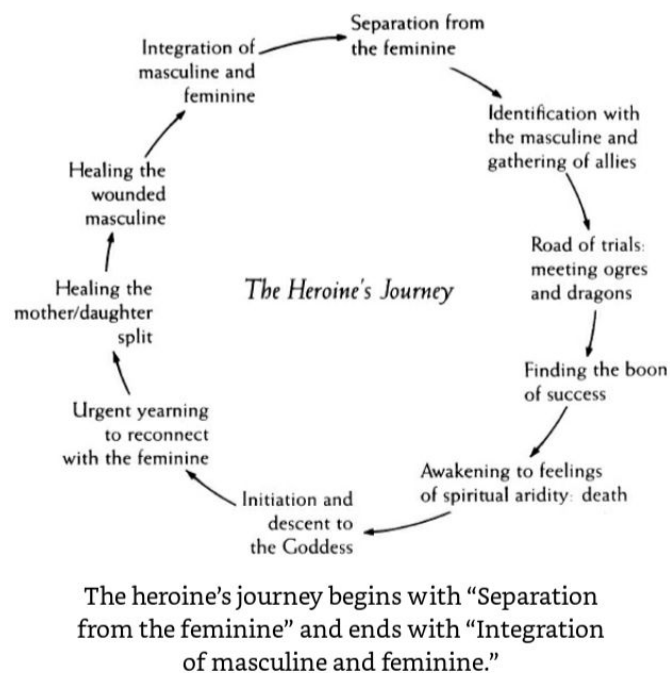
Um personagem fictício não existe fora das palavras, mas representam pessoas segundo modalidades da própria ficção. Por isso, é de extrema importância o estudo do contexto histórico junto com a literatura, pois esta pode refletir o comportamento e pensamentos de uma sociedade de determinada época. (2013, p. 3).

Como pôde-se observar no excerto acima, Castaldini nos informa que personagens fictícios nada mais são que o reflexo das pessoas e seus comportamentos. E, assim, acredita na importância de entender o momento histórico no qual a obra foi criada.

4. A JORNADA DE ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

A seguir temos a figura que mostra as etapas da jornada da heroína de Murdock, na ordem de escrita da autora:

Figura 1 - The heroine's Journey



Fonte: Murdock, 1990, p. 4

Durante o primeiro capítulo de *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*, Alice está sentada em uma ribanceira com a sua irmã e isso a está deixando inquieta. Essa inquietação faz parte do início da jornada de Alice, pois significa que algo não está bom e que ela deve fazer algo para mudar isso. Vale lembrar que a jornada é o conhecimento interno - da própria alma. Sobre o auto-conhecimento, Estés afirma que:

[...] as mulheres não têm ouvidos para ouvir o discurso da sua alma ou para registrar a melodia dos seus próprios ritmos interiores Sem ela, a visão íntima das mulheres é impedida pela sombra de uma

mão, e grande parte dos seus dias é passada num tédio paralisante ou então em pensamentos ilusórios. (ESTÉS, 1999, p. 11).

Ficar ali com a irmã - modelo feminina da personagem - a deixava com preguiça e entediada. Como podemos ver no excerto a seguir:

ALICE ESTAVA COMEÇANDO a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada que fazer; espiara uma ou duas vezes o livro que estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos, “e de que serve um livro”, pensou Alice, “sem figuras nem diálogos?”. (CARROLL, 1865, p. 13).

Neste instante, a heroína começa a sua jornada de conhecimento interno, a partir do desligamento dos seus valores femininos. Ela passa pela etapa *Separation from the feminine* - pois não tem interesse na atividade realizada com a irmã. Outra hipótese que pode ser feita sobre o primeiro passo da jornada é que Alice não fala em nenhum momento sobre a sua mãe - assim, podemos presumir que essa mãe é ausente - o que pode fazer a personagem se ligar com o lado masculino. E quando entra na toca atrás do coelho, Alice só consegue pensar em Dinah, sua gata de estimação. “Tenho a impressão de que Dinah vai sentir muito falta de mim esta noite!” (CARROLL, 1865, p. 16) e, em nenhum momento, fala sobre alguém da sua família.

O fato da personagem seguir o coelho pode significar o quão fascinante é esse mundo masculino para Alice - um coelho falante com um relógio de bolso! Qualquer um ficaria receoso, porém, ela foi atrás dele e de uma aventura. O que podemos observar no trecho abaixo:

[...] quando viu o Coelho *tirar um relógio do bolso do colete* e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou num pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pela campina atrás dele, ainda a tempo de vê-lo se meter a toda a pressa numa grande toca de coelho debaixo da cerca. (CARROLL, 1865, p. 13-14).

Em *The heroine's Journey*, Murdock afirma que as meninas, geralmente, crescem tendo como modelo a figura masculina (pai) e quase sempre procuram ser como ele. Sobre a figura masculina e a mulher, Estés (1999, p. 232) afirma que, “[...] os sonhos das mulheres com boa capacidade de manifestação externa muitas vezes apresentam uma forte figura masculina que aparece com regularidade sob diversos disfarces”. O coelho poderia representar no sonho de Alice essa figura, pois a fala dele “*“Ai, ai! Ai, ai! Vou chegar atrasado demais!”*” (CARROLL, 1865, p. 13) representaria alguém muito ocupado e compromissado - o que, provavelmente, na época, representaria uma figura masculina. Nesta parte, a heroína finaliza mais uma etapa, *Identification with the masculine and gathering of allies*.

Quando Alice, nossa heroína, finalmente chega ao final da toca, se depara com inúmeras portas trancadas. Na perspectiva de Estés (1999), a porta é usada como uma metáfora e tem uma relação com a psique da mulher, momento no qual ela entra na mesma para, então, ver o estrago feito por lá. “Quando as mulheres abrem as portas das suas próprias vidas e examinam o massacre nesses cantos remotos, na maior parte das vezes elas descobrem que estiveram permitindo o assassinato de seus sonhos, objetivos e esperanças mais cruciais” (ESTÉS, 1999, p. 43). Porém, para Alice conseguir a abrir a porta para começar a sua aventura, ela teve que deixar de sentir-se adulta e, então, começar a chorar como uma criancinha - algo que não é simples. Logo, a heroína começa a refletir sobre si mesma, como podemos observar no excerto a seguir:

Ai, ai! Como tudo está esquisito hoje! E ontem as coisas aconteciam exatamente como de costume. Será que fui trocada durante a noite? Deixe-me pensar: eu era a mesma quando me levantei esta manhã? Tenho uma ligeira lembrança de que me senti um bocadinho diferente, Mas, se não sou a mesma, a próxima pergunta é: ‘Afinal de contas quem sou eu?’ Ah, este é o grande enigma! (CARROLL, 1865, p. 25).

Nesta etapa da jornada, a personagem já tem um mentor, alguém com valores definidos como masculinos. Pode-se entender que o coelho toma para si esse papel pois, mesmo sem se comunicar, ele ajuda a protagonista a superar

algumas dificuldades. Outras personagens, como o Gato de Cheshire, a Lagarta e o Chapeleiro também podem ser consideradas guias na jornada de Alice.

Este também é o momento em que a heroína está passando pela terceira parte, *Road of trials: meeting ogres and dragons* e, aqui, Alice passa por diversas dificuldades parecendo nem saber quem é. Como podemos observar neste momento: “[...] ‘Então quem sou eu? Primeiro me digam; aí, se eu gostar de ser essa pessoa, eu subo; se não, fico aqui embaixo até ser alguma outra pessoa’[...]”. (CARROLL, 1865, p. 27). Além disso, ela passa a duvidar de si mesma, o que ocorre em diversos momentos durante a narrativa. As outras personagens que ela encontra em seu caminho fazem com que ela se questione ainda mais, como exemplificado no diálogo que segue:

“Ora essa! Você é o quê?” perguntou a pomba. “Aposto que está tentando inventar alguma coisa!”
 “Eu... eu sou uma menininha”, respondeu Alice, bastante insegura, lembrando-se do número de mudanças que sofrera aquele dia. (CARROLL, 1865, p. 64).

O que pudemos observar acima também é possível antever em outros momentos, como na conversa de Alice com a Duquesa: “Você não sabe grande coisa”, observou a Duquesa; “e isto é um fato”. (CARROLL, 1865, p. 71)

São perceptíveis, em diversos momentos, as outras personagens tentando dissuadir Alice sobre quem ela é. Após todos questionarem a capacidade de Alice - inclusive ela mesma - a personagem consegue passar por todos os obstáculos e, finalmente, voltar à porta do início da narrativa. Percorrendo o seu caminho, ela descobre como controlar o seu tamanho e, agora, está preparada para o que há atrás da porta. Aqui, Alice sente o sabor do seu primeiro sucesso e, assim, passa pela quarta etapa da jornada, *Finding the boon of success*.

Nossa heroína já passou por algumas estágios do seu caminho para a reconciliação do seu arquétipo masculino e feminino - porém, agora, ela chega na metade desta jornada - *Awakening to feelings of spiritual aridity: death* - que será bem conflituosa para ela. Podemos ver nos capítulos oito e nove alguns momentos em que Alice se sente sem rumo. Lá está ela, jogando croqué com a Rainha e sem

entender o sentido de tudo que está acontecendo ao seu redor. É como se ela quisesse dizer ‘O que eu estou fazendo aqui?’. Em vista deste questionamento da personagem, Estés (1999, p. 76) mostra que isso [...] é o nosso insight muito particular do feminino profundo. Ou seja, a heroína está mais perto do que imagina de se reconectar com o feminino.

É perceptível que a personagem não entende as atitudes da Rainha e teme que elas também a afetarão. Alice até pensa em fugir, mas logo desiste ao ver alguém familiar. A protagonista sempre foi uma menina muito sincera durante toda a história; porém, ela parece se perder para tentar sobreviver naquele lugar. Por exemplo, quando ela está conversando com o gato sobre a Rainha e percebe que a mesma está escutando a conversa, ela inventa algo que acha que poderá agradar a soberana.

Quando a heroína começa a próxima parte da jornada, *Initiation and decent to the goddess*, podemos perceber sinais da perda de confiança em si mesma. Além disso, por exemplo, a falta de saber o que fazer, estar fora de sincronia com si própria, é outro aspecto desta etapa. Ademais, Alice está presa em um momento onde as outras criaturas lhe impõem que ela não pode ser quem ela é. Como podemos observar no trecho a seguir:

“Tenho o direito de pensar”. Alice respondeu bruscamente, pois estava começando a ficar um pouco preocupada.

“Tanto direito”, disse a Duquesa, “quanto os porcos têm de voar;(...)”. (CARROLL, 1865, p. 107).

E, assim, Alice até se rebaixa a receber ordens de quase todos do livro - o que ela deixa bem claro que não gosta; Com isso, se firma um sentimento de traição a si mesma. O trecho a seguir mostra a personagem refletindo sobre essa questão: ““Todo mundo aqui diz ‘vamos!’”, pensou Alice enquanto o seguia devagar. “Nunca recebi tanta ordem em toda minha vida, nunca!” (CARROLL, 1865, p. 110).

Já no início do capítulo nove é possível perceber outra parte da jornada se iniciando - *Urgent yearning to reconnect with the feminine*. Durante o momento em

que encontra a Duquesa - alguém familiar - Alice aparenta estar feliz em vê-la, mesmo com tudo que viu sobre ela anteriormente. Isso pode ser um sintoma da falta do feminino, da falta de exemplaridade de alguém como uma mãe.

Essas foram etapas duras para a nossa heroína, mas ela conseguiu superá-las e partir para a próxima, *Healing the mother/daughter split*. É neste momento da jornada de Alice que ela desperta, percebendo que tudo não passou de um sonho curioso; revê a irmã e volta para o seu mundo real. Ela percebe que no lugar onde ela se encontrava nada era real e que tudo aquilo foi demais para ela. Assim, acontece o momento no qual a heroína procura se reconectar com o feminino. Ela volta para a sua atmosfera familiar para, então, se interligar com a parte que deixou para trás antes que tivesse rejeitado o feminino.

A sétima etapa da jornada, *Healing the wounded masculine*, seria o momento no qual a personagem percebe a importância do seu lado masculino e aprende como usá-lo a seu favor. Mesmo que Alice tenha criado mais confiança em si mesma e tenha passado por boa parte da jornada, ela não passa por esse estágio na narrativa. Finalizando na etapa posterior, a sua jornada dentro da obra *As aventuras de Alice no país das maravilhas*.

4.1 POSSÍVEIS FATORES QUE IMPEDEM ALICE DE COMPLETAR A JORNADA

Existem alguns fatores relacionados à obra *As aventuras de Alice no país das maravilhas* que podem impedir a personagem Alice de completar a jornada da heroína de Maureen Murdock. Nesse sentido, algumas das hipóteses levantadas podem vir a ser o autor do livro, a época em que ele foi escrito, a idade da personagem, o modelo de escrita e a interpretação do leitor em relação à aplicação da jornada em determinado corpus.

Em relação ao autor e à época em que a personagem foi apresentada, sabe-se que Lewis Carroll viveu no Reino Unido durante a Era Vitoriana, na qual ele criou a história e a personagem Alice. Mesmo que Carroll tivesse muitas críticas à época do reinado da Rainha Vitória - o que ele deixa subentendido em algumas passagens do livro, pois ele ainda é um homem escrevendo a história de uma personagem feminina, que cresceu numa época onde a cultura masculina era totalmente predominante. Além disso, a obra de Murdock aborda a jornada psico-espiritual das mulheres contemporâneas, o que torna mais difícil de aplicá-la em uma história com uma visão masculina em um tempo completamente distinto ao do final do século XX.

A idade da personagem também pode ser um fator determinante nesta jornada, uma vez que na história, Alice tem em torno de 7 anos. Sobre isso, Murdock (1990) afirma que a mulher começa o seu processo de conciliação do masculino e feminino em diferentes idades. Portanto, Alice pode ter começado a sua jornada, mas ainda não está pronta para encará-la. Ademais, acreditamos que a curiosidade de Alice - algo normal nesta idade - pode tê-la levado por diferentes caminhos que a desviaram de sua jornada inicial.

Outra possibilidade é o modelo de escrita elaborado por Murdock para descrever a jornada da heroína, que foi criado somente em 1990. A obra *As aventuras de Alice no país das maravilhas* foi escrita em 1865. Ou seja, o modelo da jornada da heroína desenvolvido por Murdock não existia nessa época,

tornando mais difícil ver Alice como uma heroína através da perspectiva da autora. Já obras mais atuais podem se encaixar mais facilmente nos modelos de Campbell e Murdock. Podemos trazer Harry Potter como exemplo de personagens que fazem a jornada do herói. E Katniss, protagonista da série de filmes *Jogos Vorazes*, como uma personagem associada à jornada da heroína.

E, por fim, a última possibilidade para a personagem não completar a jornada: a compreensão do leitor da narrativa. A partir das leituras feitas para elaborar este trabalho e também leituras prévias a ele, foi criada uma perspectiva pessoal para a análise de Alice como heroína. Isto é, de alguma maneira, cada indivíduo pode compreender cada história ou personagem de forma única - de acordo com a construção de seu repertório sócio-político, histórico e cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O interesse na realização dessa pesquisa partiu da vontade de entender se uma personagem criada por um homem no período da Era vitoriana, poderia ser considerada uma heroína na perspectiva de Maureen Murdock. Assim, o objetivo geral do trabalho foi analisar a construção da personagem Alice como possível heroína, no livro *As aventuras de Alice no país das maravilhas* (1865), de Lewis Carroll. Para realização desta análise tomou-se como base a obra *The heroine's journey* (1990), escrita por Maureen Murdock e as reflexões feitas por Clarissa Pinkola Estés no seu livro, *Mulheres que correm com os lobos* (1999).

Inicialmente, pensou-se em aplicar ambas jornadas, de Murdock e de Campbell, de forma comparativa e em ambos os livros de Lewis Carroll. Porém, após receber o parecer do projeto, entendeu-se que a melhor direção a seguir era utilizar somente a jornada da heroína - por ser uma perspectiva voltada a mulheres/personagens femininos. Além disso, foi sugerido adotar uma abordagem arquetípica como Clarissa Pinkola Estés utiliza nas suas análises em *Mulheres que correm com os lobos*. Portanto, adotou-se ambas as obras por perceber uma relação muito forte entre as mesmas, entendendo a jornada de Alice através da perspectiva de ambas as autoras.

A partir desta ideia, foi necessário estruturar o trabalho, fazendo primeiramente um resumo da jornada de Murdock e relacionando-a com algumas idéias de Estés. Além disso, buscou-se contextualizar a época na qual a personagem foi criada, devido à acreditar que a mesma pode influenciar na sua constituição. Para, por fim, aplicar a jornada na protagonista do livro *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas*.

Durante a análise, pudemos perceber que Alice passou por algumas etapas da jornada de Murdock. Como a *Separation from the feminine*; seguido por *identification with the masculine and gathering of allies*; *Road of trials*; *Finding the boon of success*; *Awakening to feelings of spiritual aridity: death*. Não passando por outras etapas, *Initiation and decent to the goddess*; *Healing the mother daughter*

split; Healing the wounded masculine e, por fim, *a Integration of masculine and feminine*.

Ou seja, a personagem não completa a jornada da heroína de Murdock. Porém, isso não quer dizer que Alice não seja uma heroína, mas sim que ela está passando pelo processo. Pois a jornada da heroína não é um caminho simples para uma mulher passar. É complexo, exige muito da psique feminina e, por isso, pode tomar mais tempo que o esperado. Deve-se levar em conta, também, que algumas personagens podem fazer a jornada do herói devido ao meio social patriarcal no qual ainda vivemos - no qual, as mulheres quase extinguem o seu lado feminino para obter o mesmo prestígio que é dado aos homens. Ou conseguem passar por parte da jornada de Murdock, sem nunca conseguir finalizá-la.

Além disso, deve-se dar importância a alguns fatores que podem ter impedido a personagem de finalizar a jornada. Pois o autor, Charles Lutwidge Dodgson, apesar das suas críticas ao tempo no qual viveu, ainda é um homem. E por ser uma figura masculina, pode afetar o acesso ao universo interno de Alice. Também pode-se levar em consideração a época em que a obra e a personagem foram criadas, ou seja, o período da Era vitoriana. Período no qual a cultura masculina era predominante e personagens femininos como protagonistas não eram nada comuns. Pode-se considerar, também, a idade da personagem, uma menina de sete anos, que ainda estaria aflorando seus instintos, para entender que o feminino e o masculino devem fazer parte dela de forma igualitária. O fato de não existir o modelo de Murdock na época em que a obra foi escrita, impedindo - talvez - que o autor o utilizasse na criação da personagem. Pois, Murdock está inserida em outro espaço sócio-político cultural, diferente de Carroll. No qual ela tem influência direta da evolução do pensamento feminista do século XX/XXI. E, por fim, a compreensão pessoal, entendendo que cada pessoa possui uma interpretação com algumas variações, de cada história ou personagem.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Editora àtica, 1990.

BUTLER, Judith; Renato Aguiar. **Problemas De Gênero: Feminismo e Subversão Da Identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Editora Pensamento, 2007.

CARROLL, Lewis, *et al.* **Aventuras de Alice no País das Maravilhas & Através Do Espelho e o que Alice encontrou por lá**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2010.

CASTALDINI, Yara. Alice no país das maravilhas: A era vitoriana entre o romance e o cinema. *In*: CONIC SEMESP, 13., 2013, Campinas. **Anais** [...] Campinas: Faculdade Anhanguera de Campinas, 2013.

ESTÉS, Clarissa. **Mulheres que correm com os lobos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FORSTER, E.M. **Aspectos do romance**. Porto Alegre: Globo, 1974.

FOUCAULT, Michel; MACHADO, Roberto. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

KOTHE, Flávio. **O Herói**. São Paulo: Editora Ática, 2000.

LA CARRETA, Marcelo. **A jornada o herói (resumo)**. s. l. Disponível em: <http://lacarreta.com.br/jornada/> Acesso em: 13 jun 2019.

MACCEDO, Paulo. **A jornada do herói: conquistando pessoas com histórias**. s. l. Disponível em: <https://paulomaccedo.com/jornada-do-heroi-storytelling/> Acesso em: 14 jun 2019

MEDEIROS, Stéfanie. **A jornada da heroína: Estrutura narrativa para roteiros de ficção**. 2019. Dissertação (Mestrado em Escrita Criativa) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2019.

MURDOCK, Maureen. **The heroine's journey**. Boulder: Shambhala, 1990.

PEREIRA, Amanda. **Literatura e cinema: Um estudo sobre Alice, de Lewis Carroll e Alice, de Claude Chabrol.** 2017. Trabalho de Conclusão do Curso (Licenciatura em Letras) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/176355/TCC%20final%20-%20Amanda%20Nascimento.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 14 abr 2019.

PRELORENTZOU, Renato. **A jornada da heroína. Estadão.** Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/renato-prelorentzou/a-jornada-da-heroína/> Acesso em: 06 maio 2019.

REVISTA ELETRÔNICA ISAT. São Paulo: Instituto Superior Anísio Teixeira, 2014 -. ISSN 2236-9155 versão *online*. Disponível em: https://www.revistadoisat.com.br/numero2/01_O_Mito_do_Conceito_de_Heroi_Clea_e_Veronica.pdf. Acesso em: 22 maio 2019.

SEGAL, Robert. **Joseph Campbell. Encycopaedia Britannica.** Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Joseph-Campbell-American-author> Acesso em: 14 jun 2019.

s. n. **Maureen Murdock. HuffPost.** Disponível em: <https://www.huffpost.com/author/maureen-murdock> Acesso em: 13 jun 2019.

VALLE, Cléa; TELLES, Verônica. **Mito do conceito do herói.** 1. ed. São Paulo: Editor José Manuel da Silva, 2014.

VOGLER, Christopher; MACHADO, Ana. **A Jornada Do Escritor Estruturas míticas Para Escritores.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.